

## Educação, catequese e ensino: missões da Companhia de Jesus na Índia (1542-1552)

FELIPE AUGUSTO FERNANDES BORGES\*

**Resumo:** Analisar a ação da Companhia de Jesus na Índia entre os anos de 1542 a 1552 é o objetivo deste artigo. Nesse período o superior das missões jesuíticas na Índia foi o padre Francisco Xavier, primeiro dos inicianos a chegar naquelas partes. O recorte temporal justifica-se por 1542 ser o ano em que chegam à Índia os primeiros jesuítas e, 1552, o ano da morte do primeiro Superior, Francisco Xavier. O texto analisa as ações cotidianas da missão iniciano privilegiando o viés da educação e do ensino empreendidos por aqueles padres. As fontes utilizadas para a pesquisa são cartas e documentos presentes na *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, coletânea organizada pelo padre português António da Silva Rêgo. Concluimos por meio do presente estudo que a premência dada à tradução das orações e artigos de fé para as línguas nativas bem como a atenção dispensada ao ensino e instrução das crianças levaram a Companhia de Jesus a implementar uma forma de trabalho inédita nas missões do Padroado Português na Índia.

**Palavras-chave:** Companhia de Jesus; Índia; Educação.

*Education, catechesis and education: missions of the Society of Jesus in India (1542-1552)*

**Abstract:** Analyzing the action of the Society of Jesus in India between the years 1542 to 1552 is the purpose of this article. During this period the superior of the jesuit missions in India was priest Francisco Xavier, first of the ignatian coming in those parts. The temporal cut is justified by 1542 being the year in which the first Jesuits arrive in India and, in 1552, the year of the death of the first Superior, Francisco Xavier. The text examines the everyday actions of ignatian mission favoring bias of education and education undertaken by those priests. The sources used for research are letters and documents present in the *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, organized by the portuguese priest António da Silva Rego. We conclude by means of the present study that the urgency given to the translation of the prayers and articles of faith for the native languages as well as attention to the education and instruction of children led to the Society of Jesus to implement a form of unpublished work in the missions of the Portuguese Patronage in India.

**Key words:** Society of Jesus; India; Education.



\* **FELIPE AUGUSTO FERNANDES BORGES** é Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá; professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Colegiado de Pedagogia e na Pós-graduação em Interdisciplinaridade e docência na Educação Básica do Instituto Federal do Paraná.

## Introdução

No ano de 1542 acontece na Índia o evento que marcaria como um divisor de águas a história das missões catequéticas portuguesas naquelas partes: a chegada dos padres jesuítas. Foi liderada pelo padre Francisco Xavier que a Companhia de Jesus desembarcou no Oriente, em 6 de maio daquele ano, acompanhado pelo então novo governador geral, Martin Afonso de Souza.

Segundo se pode observar nas fontes documentais analisadas neste artigo, vemos que muitos aspectos das missões são diferentes quando levado em conta o advento da Companhia de Jesus no Padroado Português do Oriente. Tendo em conta os relatos a que temos acesso, percebemos que as diferenças entre o método de trabalho dos jesuítas e os métodos dos padres que ocuparam as missões anteriormente foram sentidas pelos clérigos e pelas autoridades portuguesas, tanto no que tange aos números de convertidos apresentados nas cartas, assim como as descritas qualidades das conversões. No entanto, a maioria das cartas que lemos, descrevendo as missões orientais nesse período, são missivas escritas pelos padres jesuítas, e, sendo assim, há de se problematizar, na leitura, o real alcance destas descrições, além de se considerar seus limites. Temos de considerar possíveis hiperbolizações de situações e descrições dos jesuítas, entendendo que os fatos descritos por estes podem não ter acontecido da forma, quantidade e intensidade exata de como estão contados.

Além disso, deve-se ressaltar que as cartas e documentos a que temos acesso, além de escritas por jesuítas, são de coletâneas também organizadas por religiosos. A *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* é organizada por

um religioso português, o Padre António da Silva Rêgo. Portanto, toda e qualquer comparação e descrição feita neste artigo encontra-se cerceada pela leitura, possíveis cortes e recortes que as descrições que lemos sofreram ao longo dos anos, além de traduções e compilações.

Isto posto, pretendemos abordar a atividade dos padres jesuítas, sua atuação e militância no Oriente, obedecendo ao recorte de tempo a que nos propomos (1542-1552). O recorte temporal justifica-se por 1542 ser o ano em que chegam à Índia os primeiros jesuítas e, 1552, o ano da morte do primeiro Superior, Francisco Xavier. Entendemos Francisco Xavier como um importante personagem das missões da Companhia de Jesus, principalmente das Orientais. A liderança deste padre, suas orientações e direções deram, na Índia e regiões adjacentes, a tônica da missão jesuítica. Além disso, pretende-se aqui estabelecer alguns momentos e formas de contraponto entre a militância inaciana e aquela empregada pelos primeiros religiosos a ocupar a Índia, sempre que as fontes nos permitirem inferir tais impressões.

Com o intuito de dar ao leitor uma visão mais aprofundada de como a missão era vista e contada pelos próprios jesuítas, lançamos mão de uma grande gama de citações diretas das nossas fontes. As citações a serem feitas se constituem, em grande maioria, de trechos de cartas dos membros da Companhia de Jesus que trabalharam nas missões indianas, mas, em especial, muitos trechos e descrições do padre Xavier.

As impressões que os jesuítas constituíram sobre as missões em que militavam eram, em grande parte, construídas coletivamente por meio do seu acentuado costume de escrever cartas. Além disso, muitas das cartas eram

escritas com destino à Europa a fim de sensibilizar e recrutar novos jesuítas para as missões. Nesse sentido é que, ao ler aquilo que os inacianos contam, é preciso ter em mente as proposições de Lodoño (2002) e compreender que muito era escrito com o objetivo de atrair missionários (e doações) para a Índia, possivelmente supervalorizando algumas situações, como por exemplo, os números de convertidos.

Certo é que, por meio das suas correspondências, os inacianos se informavam de diversas situações a que não teriam acesso de forma pessoal, além de compartilharem entre si as impressões, os conceitos, as formas de ser, agir e pensar que, com o tempo, se tornaram peculiares ao seu agir.

### **Jesuítas na Índia e o dia a dia das missões**

A primeira informação que D. João III recebe sobre os padres da Companhia de Jesus foi em 1538 por carta de Diogo de Gouveia, embaixador lusitano em Paris, em que se elogiava muito aqueles clérigos dispostos a irem para Jerusalém para pregar o evangelho de Cristo aos mouros e judeus. A partir daí outras correspondências são trocadas e, em 04 de agosto de 1539, o rei escreve ao seu embaixador em Roma, Pedro de Mascarenhas, para verificar as informações de Gouveia e, em as confirmando, solicitar ao papa que eles pudessem missionar nas Índias a serviço da Coroa portuguesa. Começam, desde esses momentos, a relação muito próxima que a nascente Companhia de Jesus teria com a Coroa lusitana (ASSUNÇÃO, 2004; COSTA, 2004; TAVARES, 2004). Nessa carta, D. João III deixa claro que sua missão, como cabeça de um reino cristão, envolve também a cristianização de todos aqueles que estivessem nos territórios portugueses (In: LEITE, 1956, p. 102).

O objetivo das missões religiosas (empresa religiosa) no Oriente sempre foi levar aquela que era tida como a verdadeira fé para os gentios e combater a religião dos “infieis”, ou seja, combater os erros dos judeus e mouros. Para a continuidade e melhora dessa empreitada os jesuítas são convidados, e o primeiro a chegar naquelas paragens foi Francisco Xavier.

Logo que desembarca na capital Goa, Francisco Xavier, como responsável pela Companhia de Jesus naquelas partes, tem por trabalho escrever seu relato, com destino à corte portuguesa. Esta carta a que nos referimos é datada de 20 de setembro de 1542, e tem por objetivo central informar sobre a viagem e também os primeiros contatos que o religioso tem naquelas terras (IN: REGO, 1950a, p. 26-34). Tal missiva torna-se de grande importância, pois, por meio da sua leitura, é possível observar a primeira impressão que o padre recebe em seu primeiro contato com aquela nova realidade em que se propunha trabalhar.

A primeira impressão que temos ao ler a mencionada carta é a do volume de ocupações e trabalhos que Xavier menciona. O relato apresentado é permeado por um sentimento dinâmico, em que se deixa claro que são demasiadas as ocupações a serem empreendidas, de forma que o leitor é levado de certa forma a *enxergar* a realidade que o missionário quer mostrar, pois já se faz menção de trabalhos em variadas frentes de catequização, tais como: visitas aos enfermos, confissões, pregações e ensinos. É possível perceber na escrita um vigor missionário, um trabalho incessante. Podemos ter uma ideia das atividades neste primeiro excerto:

Aqui em Goa posei no hospital. Confessava e comungava os enfermos que ali estavam; eram tantos os que vinham confessar-se,

que, se estivesse em dez partes partido, em todas elas teria que confessar. Depois de cumprir com os enfermos, confessava pela manhã os sãoos que me vinham buscar; e depois do meio dia ia ao cárcere para confessar os presos, dando-lhes alguma ordem e diligência primeiro do modo e ordem que haviam de ter para confessar-se geralmente. Depois de haver confessado os presos, tomei uma ermida de Nossa Senhora, que estava junto do hospital, e aí comecei a ensinar aos meninos as orações, o Credo e os mandamentos; passavam muitas vezes de trezentos os que vinham para a doutrina cristã. Mandou o Senhor Bispo que pelas outras igrejas se fizesse o mesmo, e assim se continua agora, onde o serviço que a Deus Nosso Senhor nisto se faz é maior do que muitos pensam. (IN: REGO, 1950a, p. 31-32)<sup>1</sup>

O trecho acima nos traz a visão de um homem ocupado apenas em doar sua vida a converter as almas ao cristianismo e, dessa forma, conduzi-las à salvação. A forma como Xavier descreve suas atividades mostra uma sequência ininterrupta de pregações, confissões, catequese, ensino de orações a crianças e outras mais, oferecendo uma ideia de tudo aquilo que havia por se fazer nas missões do Oriente. Ao mostrar em seu relato o volume de ocupações a que está sujeito, Xavier como que sugere a necessidade de ajuda, de apoio, ou seja, de pessoas para a missão. Trazemos a fala de Xavier por conta da relevância que o mesmo possui como primeiro superior das missões jesuíticas na Índia. Acreditamos que o seu relato, banhado com o peso da autoridade que sobre ele estava, torna-se de certa maneira uma representação da voz da Companhia de Jesus na Índia. Sobre o

peso, a autoridade e a credibilidade das cartas de Xavier, vemos que:

O campo mais almejado pela nova milícia era todavia o além-mar, principalmente os países descobertos havia pouco pelos portugueses. O cavaleiro navarrino [Xavier] que o abria e percorreria como intrépido explorador, ou antes como verdadeiro apóstolo de Cristo, chamava para lá com ferventes cartas a seus irmãos, a fim de continuarem e assegurarem aquelas conquistas para a fé. (ROSA, 1954, p. 108)

Em suas cartas, para além de apenas descrever as situações pelas quais passava, Xavier esforçava-se sempre por pedir, tanto às autoridades portuguesas (sobretudo à Coroa), quanto aos seus superiores da Companhia, mais e mais missionários para a obra que ele dizia ser grande, e dessa forma exigir para ela sempre mais pessoas capacitadas. A impressão que temos é que, independente do número de missionários que fossem enviados, Xavier continuaria sempre a pedir mais, pois a paixão pela missão demonstrada por meio das letras nos leva a crer que o padre sempre veria algo mais a fazer, não importando o quanto fosse feito.

O peso da autoridade daquilo que Xavier escreveu e fez é grande, pois, até sua morte no ano de 1552 foi ele o superior das missões na Índia, chegando a receber a autoridade de Provincial da Companhia naquelas partes. Dessa forma, as atividades de Xavier passam a ter um significado maior, não sendo apenas ações empreendidas numa individualidade, mas carregando consigo uma significação de postura de algo bem maior, ou seja, da Companhia de Jesus. No espaço de tempo de sua militância e

compreensão para o leitor, sendo que o sentido das citações foi preservado.

<sup>1</sup> Nesta e nas demais citações das fontes documentais foi feita uma atualização ortográfica e gramatical portuguesa, a fim de facilitar a

talvez ainda mais após sua morte, Xavier era lembrado pelos jesuítas como uma espécie de modelo a se seguir.

Passando à discussão propriamente dita das formas de trabalho da Companhia de Jesus na Índia, destacamos primeiramente o caráter polivalente que os padres da Companhia assumem no Padroado da Índia. As ocupações dos jesuítas englobavam as mais diversas esferas possíveis e plausíveis, como já se tem ideia no excerto de Xavier mencionado acima.

Compreendemos que ao chegar aos locais de missão, os jesuítas realizavam já de início aquilo que podemos descrever como um reconhecimento do local e das pessoas a quem se dirigiam: no caso da Índia, a lida envolvia tanto os nativos quanto a população portuguesa presente naqueles locais. A partir de sua chegada nos locais, os inacianos se ocupavam, nesses reconhecimentos, por levantar todas as hipóteses possíveis de contato com os nativos, nos variados locais em que poderiam ocorrer os ensinamentos, pregações e consequentes conversões.

Com o crescimento numérico de padres jesuítas no decorrer do tempo na Índia eles passaram a estar presentes em todos os lugares estratégicos para o trabalho das conversões. Isso significa dizer que, a partir do crescimento numérico dos inacianos no Oriente, eles passaram a estar presentes nas prisões, nos hospitais, nos orfanatos, nas fortalezas, empreendendo o ensino das crianças portuguesas e nativas, além de realizarem suas pregações nas ruas, nas casas, nas igrejas e, ainda, nas disputas com os sacerdotes das religiões locais. Parece-nos que quaisquer possibilidades do chamado “acrescentamento da santa fé católica” não eram negligenciadas pelos padres da Companhia. Destacamos de forma especial este aspecto, tendo em vista que o mesmo vai ao encontro da já

afirmada forte e estreita ligação entre os ideais do programa da Companhia de Jesus e os referenciais aprovados pouco antes de sua criação, ainda no Concílio de Trento.

O papel modelador que a Igreja Católica adquiriu na época Moderna vai ser transplantado para os novos espaços geográficos ultramarinos. O religioso envolvia e regia todos os momentos solenes do indivíduo, desde o nascimento até a morte, passando pelo batismo, pelo casamento e outras manifestações sociais. Aliás, os mecanismos que a Igreja pós-tridentina encontrou para homogeneizar o comportamento do cristão europeu vão ser, *mutatis mutandis*, também utilizados na Índia: a catequese, as procissões, os sermões, as festas, a assistência e a protecção. (MANSO, 2009, p. 124, grifo da autora)

As cartas estudadas registram uma presença tão difusa e uma atuação tão contínua e intensa dos inacianos que, a partir do início de suas atividades na Índia, acontece um fenômeno peculiar: o agir inaciano, pelo que aparece nas descrições, cartas e outros documentos analisados, fez com que as demais ordens de certa forma “embotassem” entremeio aos relatos a que tivemos acesso. Segundo Manso (2009) os jesuítas encontraram, no contexto da época e no apoio dado pela Coroa Portuguesa, as condições necessárias para ocupar os mais diversos e amplos espaços de catequização.

Podemos afirmar que não houve, na Índia, nenhuma forma de rompimento dos trabalhos das ordens eclesiásticas que lá já estavam quando da chegada dos jesuítas. Não houve na Índia também, em nenhum momento, a substituição dos padres de outras ordens por padres jesuítas. Pelo contrário, os jesuítas e as demais ordens coexistiram na missão da Índia, com uma já citada sobrepujança

dos trabalhos inicianos sobre os trabalhos dos primeiros padres. Vemos que a Companhia foi, paulatinamente, ocupando o espaço das outras ordens e recebendo da Coroa Portuguesa basicamente toda a estrutura que já havia sido construída. Além disso, o número de jesuítas no Oriente indiano também foi gradualmente acrescido, por um sucessivo envio de missionários a somarem-se ao grupo inicial de Xavier, sem contar com o grande favorecimento que, desde o início, fora dado à Companhia de Jesus, por parte da Coroa Portuguesa. Manso (2009, p. 133-134) corrobora nossas afirmações nos mostrando que, com relação ao trabalho da Companhia de Jesus,

Os mecanismos traçados para as missões da Índia, a partir de 1542, davam sequencia ao que as outras Ordens já tinham definido como política missionária. [...] No entanto, tinham-se criado estruturas que vão ser aproveitadas e desenvolvidas pelos inicianos, nomeadamente na questão assistencial [...].

Embora a coroa portuguesa se tivesse empenhado desde sempre nesta matéria, nesta altura tudo passou a ser feito de forma mais planificada. Foram criadas condições políticas e económicas que permitiram ao missionário actuar de forma mais eficaz. D. João III tomou medidas que aceleraram toda a obra missionária na Índia [...].

É necessário compreendermos que, para além da polivalência que acima pontuamos, além dos novos métodos e das novas formas de trabalho da Companhia de Jesus, os grandes favorecimentos e o impulso que ela recebeu por parte da Coroa Lusitana foi inédito. Muito do sucesso no trabalho jesuítico tanto no Oriente como na América se deve também ao fato de que D. João III, naquele momento histórico,

concedeu, aos inicianos, condições de trabalho e desenvolvimento de suas atribuições muito melhores do que aquelas concedidas às ordens que anteriormente militavam na Índia. A predileção do monarca pela Companhia torna-se clara nas análises dos autores que embasam este trabalho. Acreditamos que essa preferência, essa afeição do Rei para com a Companhia, contribuiu sim, significativamente, para que as suas condições econômicas e políticas fossem de fato mais suscetíveis ao sucesso que as anteriores.

Outro aspecto a ser destacado na atividade missionária dos jesuítas é que eles se interessavam, de forma primaz, na conversão dos nativos indianos, sobretudo, também, na retirada deles das suas religiões tradicionais. Vemos que os padres da Companhia se dedicavam também ao cuidado das almas dos portugueses, ao ensino de seus filhos e à catequese, mas, essencialmente, percebemos que o agir jesuítico foi muito mais voltado à busca e ganho das almas daqueles que não eram ainda cristãos. Afinal, o grande objetivo do Padroado era “o acrescentamento de nossa santa fé católica”.

Podemos compreender que a verdadeira missão assumida pelos jesuítas na Índia era muito mais que apenas conservar a fé dos portugueses, ou mesmo fazer com que os desertores retornassem aos considerados bons costumes cristãos. Os jesuítas partiram para as missões do Oriente decididos a levar o evangelho aos que não o conheciam, e sob esse intento é que desempenhavam todas as suas funções. Tais observações encontram respaldo nas cartas analisadas, nas quais se pode perceber que os missionários da Companhia, assim como os demais portugueses que iam para a Índia nas naus de carreira, desembarcavam em Goa, mas, logo em seguida, já eram

distribuídos pelos diversos espaços de domínio português, à procura das aldeias, povoados e mesmo lugarejos em que ainda não tivesse sido levado o evangelho. A ardente luta pela salvação das almas dos gentios esteve desde o início presente e forte nas diretrizes das missões dos inacianos.

Nesse sentido, pode ser percebida no teor das cartas de Xavier, principalmente, a busca pela real conversão dos nativos, em contrapartida à ideia de que apenas o batismo seria o bastante para a sua salvação. Ao ler algumas das cartas de Xavier, muitas delas contendo grande gama de instruções acerca do fazer e agir dos missionários na Índia, compreendemos que nessa visão os inacianos pretendiam que, antes mesmo do batismo, os gentios nativos tivessem conhecimentos ao menos rudimentares do evangelho, conhecessem os chamados “artigos de fé”, compreendessem as bases da religião que estavam aceitando, para que, assim, pudessem ser batizados e considerados efetivamente cristãos.

Em contrapartida à política missionária adotada no início das missões na Índia, de favorecimentos e mesmo de conversões à força, e que havia produzido grande número de cristãos voláteis, tratados por Boxer (2002, p. 81) sob o conceito de “cristãos de arroz”<sup>2</sup>, parece-nos que os padres da Companhia trabalhavam não apenas voltados aos números de convertidos ao cristianismo, mas, especialmente, pela qualidade dessas conversões. Vemos que os jesuítas trabalhavam no sentido de que as conversões operadas por eles se tornassem efetivas, conscientes, e, dessa forma, mais duradoras que aquelas realizadas anteriormente.

<sup>2</sup>Com essa expressão, Boxer se refere a um grande número de pessoas desfavorecidas, tanto financeira quanto socialmente, que aceitavam se converter ao cristianismo pregado pelos

## O ensino e a catequese nas missões jesuíticas na Índia

Em decorrência do ideal de conversões conscientes, nas quais houvesse real compreensão dos motivos e razões do cristianismo, se impôs um obstáculo aos jesuítas. Tal obstáculo consiste no fato de que, nos primeiros anos das missões na Índia (anteriores aos jesuítas) os missionários realizaram formas de ensino do português aos nativos. Esse ensino, apesar de contínuo, mostrou-se superficial e, de certa forma, insuficiente, quando considerada a complexidade da língua portuguesa. O ensino do português aos nativos pelos primeiros missionários advinha do intuito de que aqueles pudessem compreender a catequese e o ensino das doutrinas cristãs, feitas até então em português pelos padres. O problema a que desejamos nos referir consiste no fato de que, consideradas as complexidades de algumas doutrinas do cristianismo, a sua real compreensão tornava-se ainda mais difícil aos nativos por seu ensino ser feito fora da sua língua materna. Trabalhando por conversões mais racionais e com maior nível de compreensão real do evangelho, os jesuítas enxergaram nesse contexto um complicador.

Nesse caso, a decisão tomada por Xavier à frente da Companhia é, ao mesmo tempo, simples e complexa: os jesuítas aprenderiam as línguas nativas e, assim, traduziriam a catequese, as orações, cantos e as doutrinas cristãs. A decisão é simples em seu conteúdo, pois obviamente tal ação facilitaria significativamente os instrumentos de compreensão dos nativos. Por outro prisma a decisão pode ser vista como complexa pelo esforço, estudo e

missionários portugueses unicamente aguardando os benefícios que essa nova condição social de cristão poderia lhes oferecer.

dedicação que exigiria dos missionários até a formulação de tudo a que se propunham.

Contudo, podemos entender como inédita essa atividade. Posteriormente, tal diretriz foi usada também na catequização dos índios no Brasil, onde o padre Anchieta chega a elaborar a primeira gramática da língua geral falada pelos nativos da terra. No Oriente, a tradução e o ensino das doutrinas cristãs nas línguas nativas surtiu um interessante efeito, levando em consideração as narrativas das cartas.

Escrevendo em 15 de janeiro de 1544 para os membros da Companhia em Roma, Xavier explica a situação inicial dos convertidos indianos que, segundo o relato do padre, não compreendiam as causas de sua fé. Vejamos um excerto:

[...] e demandando-lhes acerca dos artigos de fé, no que criam, ou o que teriam mais agora que eram cristãos do que quando eram gentis, não achava neles outra resposta, se não que eram cristãos, e que por não entenderem nossa língua não sabiam nossa lei, nem o que haviam de crer; e como eles não me entendiam, nem eu a eles, por ser sua língua a natural malabar e a minha biscaína, juntei os que entre eles eram mais sabedores, e busquei pessoas que entendessem nossa língua e a deles. E depois de havermos nos juntado muitos dias com grande trabalho, sacamos as orações, começando pelo modo de santificar, confessando as três pessoas serem um só Deus: depois o Credo, mandamentos, Pai nosso, Ave Maria, Salve Rainha, e a confissão geral de latim em malabar. Depois de haver sacado na sua língua e sabê-las de cor, ia por todo o lugar com uma campana na mão, juntando todos os meninos e homens que podia, e depois de os haver juntado, os ensinava cada dia duas vezes; e em espaço de um mês ensinava as orações, dando tal ordem, que os

meninos a seus pais e mães, e a todos os de casa e vizinhos, ensinassem o que na escola aprendiam. (IN: REGO, 1950a, p. 56)

Xavier aqui se mostra indignado pelo fato de que os cristãos da terra não sabiam lhe dizer coisas simples do cristianismo. Aquelas pessoas se diziam cristãos, mas, no relato do padre, não compreendiam em quem, de que forma e por que criam na religião cristã. Aparentemente inconformado, o padre empreende o que nos descreve como grande esforço (e muitos dias) para, juntamente com pessoas que compreendessem as duas línguas (o malabar e o português), pudessem, então, converter as orações, os mandamentos, as confissões e os demais artigos basilares da fé cristã para a língua nativa.

Após ter ele mesmo decorado tudo isso em língua nativa, Xavier narra em sua carta que saiu pelos lugares em que havia cristãos a fim de ensiná-los a fé na língua materna. O padre mandava que os próprios nativos, após aprenderem as orações que ele ensinava, as repassassem aos outros nativos, aos parentes, familiares e demais cristãos. Posteriormente à tradução das orações, da confissão e de doutrinas, segundo Xavier, os nativos se alegravam e compreendiam de melhor forma os motivos pelos quais eram cristãos. Na continuação da carta, ele afirma que:

Nos domingos fazia juntar todos do lugar, assim homens como mulheres, grandes e pequenos, para dizer as orações em sua língua; e eles mostravam muito prazer, e vinham com muita alegria. E começando pela confissão de um só Deus, trino e uno, a grandes vozes diziam o Credo em sua língua y assim como eu ia dizendo todos me respondiam; [...]. (IN: REGO, 1950a, p. 56)

Corroborando a narrativa de Xavier, compilamos ainda um excerto do jesuíta

Henrique Henriques, que numa carta escrita em 12 de novembro de 1546 aos jesuítas em Coimbra, descreve com uma grande comoção o fato de ter visto na Índia um nativo realizando a pré-dica do sermão em sua própria língua aos naturais da terra:

Que consolação vos parece que receberiam nossas almas, quando nós, chegando a casa e entrando na igreja víssemos estar pregando um Irmão dos que aqui estão em casa em sua mesma língua aos cristãos naturais da terra! [...] ver-lhes aos Irmãos desta casa officiar uma missa e rezar suas vésperas tudo entoado! Não vos poderíeis ter, Irmãos, que de prazer não chorásseis. É coisa para muito se louvar o Senhor, ver que os que eram gentios e ministros do demônio e que haviam de ser sacerdotes dos ídolos agora nos incitem louvar a Deus. (IN: REGO, 1950a, p. 377-378)

Evidentemente que, tanto os relatos de Xavier como os do padre Henrique vêm carregados de sentimento, porém não se pode negar que a estratégia traçada e usada pelo missionário tem exatamente o objetivo que os relatos mostram ter acontecido, sendo, portanto, um plano acertado. Acreditamos que por meio da tradução e difusão da catequese nas línguas nativas os jesuítas conseguiram essencialmente tornar o evangelho mais próximo daquelas pessoas, contribuindo ainda para uma mais eficaz difusão da própria cultura portuguesa na Índia. Ao mesmo tempo, ao aproximarem-se das línguas nativas no intuito de fazer suas traduções dos artigos de fé, os missionários aproximaram-se, em grande parte, da cultura e costumes locais.

Na visão dos inacianos, o papel basilar da tradução do evangelho era proporcionar, aos naturais da terra, maior acesso às consideradas verdades cristãs, ao mesmo tempo facilitando a aceitação da religião.

Paralelo ao trabalho de tradução das doutrinas cristãs, desejamos aqui ressaltar ainda mais um aspecto especial no que concerne ao trabalhar jesuítico. Esse aspecto diz respeito à primazia que eles empregavam no ensino e evangelização das crianças. Os referenciais ao ensino dos meninos são abundantes na documentação das Índias, sobretudo no que concerne às instruções escritas por Xavier. Não desejamos aqui passar a impressão de que os inacianos desprezavam ou relegavam a segundo plano a evangelização dos nativos adultos, porém temos condições de afirmar que formas de ensino e parcelas de tempo especiais eram empregadas na evangelização e catequização das crianças nativas.

A proeminência no ensino das crianças pode ser compreendida como uma busca de formas de catequese que resultassem em frutos mais duradouros, em conversões mais firmes, conforme aquilo que aqui já foi descrito. Dá-se a entender que os jesuítas na Índia criam em uma maior eficiência na absorção do ensino por parte das crianças, e isso tanto no que concerne ao ensino do português quanto da catequese. Frequentemente encontra-se nas instruções de Xavier manifestações de preocupação e cuidado com relação ao tempo e às formas de trabalho direcionadas a esse segmento. Apenas para corroborar com nossa afirmação, lembramos que na América Portuguesa o padre Anchieta chega às mesmas conclusões e ações, sendo que aqui também houve formas de trabalho e direcionamentos muito específicos por parte dos jesuítas às crianças.

É possível pontuar alguns dos motivos que teriam levado os padres da Companhia a eleger como uma de suas prioridades o ensino das crianças nativas. Historicamente compreendeu-se que a criança teria uma receptividade maior ao

ensino quando comparada ao adulto (seja o ensino da religião ou qualquer outro). Sendo assim, o esforço empreendido na educação dessas crianças seria mais proveitoso e satisfatório: tanto no ensino da religião cristã quanto de língua portuguesa, por exemplo.

Além dessa suposta predisposição infantil ao aprendizado, podemos compreender que, não visões dos jesuítas, as crianças seriam seres em plena formação cultural, moral, religiosa e intelectual. Sendo ainda pequenos seres em formação, essas crianças não estariam ainda tão enraizadas nas religiões locais, nas crenças, nas vivências e na sua relação com o Sagrado. Assim, as barreiras interpostas por antigas religiões e crenças já estabelecidas não seriam tão fortes nas crianças. O trabalho de conversão desses pequenos tenderia a ser mais fácil, e possíveis retornos a antigas religiões e práticas seria menos corriqueiro que na relação de conversão de adultos.

As crianças catequizadas, para além de tudo aquilo que já citamos, eram largamente utilizadas pelos jesuítas como novos agentes de propagação do evangelho. Essas crianças eram instruídas pelos seus catequizadores a repassar aquilo que aprendiam: tanto no que se refere aos parentes quanto a outras crianças dos locais onde moravam. Pode-se encontrar fartamente nas cartas analisadas narrações a respeito de crianças que sabiam as orações e auxiliavam os padres repetindo-as nas missas, nas casas e nos demais locais de sua convivência.

Nos escritos de Xavier, várias vezes encontramos instruções insistentes com relação ao ensino das crianças, ao estabelecimento de escolas, ao batismo dos recém-nascidos. Dessa forma, torna-se também plausível afirmar que a política missionária jesuítica na Índia obteve formas de trabalho inovadores

para com as crianças, consideradas as peculiaridades do contexto histórico em que se inseriam.

É interessante ressaltar que em suas cartas, Xavier também alerta os missionários sobre a importância do batismo das crianças, tão logo nascessem. Ele chega a afirmar que os missionários deveriam acompanhar atentamente o nascimento das crianças a fim de que pudessem batizá-las quase imediatamente no momento de seu nascimento. Essa preocupação pode ser explicada pela considerável incidência de morte entre recém-nascidos no contexto em questão. Sendo que o batismo infantil é considerado como garantia de salvação no cristianismo católico, tornava-se fundamental ao jesuíta oficial esse sacramento, a fim de garantir a salvação mesmo às crianças que não sobrevivessem.

Todo o afirmado com relação ao trabalho com as crianças encontra amplo respaldo em nossas fontes documentais. A fim de ilustrar um pouco do que discorreremos, trazemos mais alguns excertos a corroborar nossas afirmações. Abaixo, lemos instruções de Xavier escritas ao padre Francisco Mansilhas, datada de 11 de junho de 1544:

O ensino dos meninos vos encomendo muito, e as crianças que nascem com muita diligência as batizareis; e pois os grandes nem por mal nem por bem querem ir ao paraíso, ao menos que vão as crianças que depois de batizadas morrem. (IN: REGO, 1950a, p. 93)

Nessa mesma carta encontramos declarações indignadas em que Xavier declara a Mansilhas que havia tido experiências frustradas com a catequese de adultos. Segundo o padre, esses não queriam ser salvos, nem desejavam conhecer o paraíso prometido. Dessa forma, Xavier chega à conclusão de que

grande parte dos recursos financeiros e humanos disponíveis à missão deveria, com maior proveito, ser empregada na catequese dos pequenos. Outra vez escrevendo ao padre Mansilhas, desta vez em 07 de setembro do mesmo ano de 1544, Xavier menciona até mesmo gastos que seriam empregados para catequese das crianças, com instruções para o ensino e também para a abertura de escolas. Leiamos mais um trecho:

Para o ensino dos meninos tomareis emprestados em poder de Manoel da Cruz de Punicale, vosso amigo, cem fanões, os quais gastareis em pagar aos que ensinam aos meninos, informando-vos os deles o que eu lhes ia a pagar, e nisto fareis muito serviço a Deus. [...] e em cada lugar metereis uma escola para ensinar meninos, {com um mestre que os ensine. Podereis tomar do dinheiro que vos for necessário para o mestre e ensino dos meninos} até 150 fanões; e por todos os lugares dessa Costa deixareis pago os que ensinam os meninos até a pescaria grande, e para vossos gastos demandareis dinheiro ao capitão. (IN: REGO, 1950a, p. 113-130)

Para além de tudo o que já afirmamos, podemos também compreender que o investimento jesuítico no ensino das crianças não demorou acontecer: os dois últimos trechos apresentados são datados do ano de 1544, ou seja, apenas dois anos depois da chegada da Companhia na Índia. Ademais, olhando para outros escritos vemos que tal política parece ter agradado aos jesuítas e a Xavier em seus propósitos, pois, escrevendo instruções aos missionários jesuítas que estavam na Costa da Pescaria e em Travancor, em fevereiro de 1548, o padre Xavier continuou na mesma tese: a insistência no ensino e no batismo, sobretudo das crianças.

1. Primeiramente vos ocupareis com muita diligência, nos lugares que

visitardes ou tiveres a cargo, de batizar as crianças que nascem, por ser este hum feito maior que nestas partes se pode, indo de casa em casa, pelos lugares que andardes visitando, perguntando se ali há alguma criança para batizar, levando convosco alguns meninos do lugar para vos ajudarem a perguntar.

2. E não confieis em meirinhos nem em outras pessoas, que vos vierem dizer quando alguma criança nasce, pelo descuido que nestes cabe, e perigo que corre {m} as crianças de morrerem sem batismo.

3. Ocupar-vos-eis muito em os lugares onde estiverdes, ou lugares que visitardes ou tiverdes cargo, de fazer ensinar aos meninos a doutrina cristã, fazendo com muita diligência ajuntá-los, e encomendando aos moradores que os ensinem com muita diligência, e que façam seu ofício; tomando-lhe conta de quantos sabem as orações, para quando outra vez o{s} visitardes, acheis mais fruto, sabendo eles a conta que lhes haveis de pedir: e este fruto dos meninos é o principal. (IN: REGO, 1950b, p. 39-40)

Observamos que nas instruções escritas acima, vemos a utilização das crianças para auxílio dos padres, a preocupação de Xavier com crianças que poderiam morrer sem o batismo e as recomendações para seu ensino. Deve-se dar atenção, na instrução de número três, o destaque que Xavier dá a esse ensino, utilizando-se da palavra “principal”. Na visão do missionário, se a missão de catequese das crianças fosse bem sucedida, além dos “frutos” imediatos, os jesuítas poderiam aguardar por maiores e melhores frutos futuros, que viriam em decorrência dos que agora se fazia.

### Considerações finais

Observamos, por meio deste texto, que no cotidiano das missões na Índia, as atividades da Companhia de Jesus se

mostravam diversas e abrangentes. De forma geral, vemos também o cuidado dado pelos inacianos no que concerne ao ensino, à educação e à catequese. Por meio das fontes documentais, vemos que as descrições das missões mostram um intenso e contínuo trabalho da Companhia de Jesus nas partes orientais, o que promoveu uma série de comparações entre o período inaciano e aquele anterior à sua chegada. Autores como Boxer afirmam que “foi a Companhia de Jesus, em seu papel de ponta-de-lança da Igreja militante, que tornou a luta pelas almas tão intensa e ampliada quanto a competição pelas especiarias” O autor prossegue dizendo que os jesuítas, então, “estabeleceram e mantiveram padrões muito mais elevados do que seus predecessores, e o notável desenvolvimento das missões portuguesas entre 1550 e 1570 deveu-se sobretudo à obra deles” (BOXER, 2002, p. 81).

Dessa forma, entendemos que a partir da chegada dos padres da Companhia de Jesus, em 1542, houve uma real e satisfatória mudança, representando um verdadeiro impulso das missões orientais. Cabe aqui, também, destacar que, mesmo com o advento dos jesuítas, os missionários das outras ordens que já estavam nas Índias continuaram em suas atividades, como, também, mais desses missionários de diversas ordens continuaram a ser enviados para a missão. Entretanto, a partir de sua chegada, ou mais propriamente, a partir de suas primeiras relações com a Coroa Portuguesa, os jesuítas adquirem um lugar privilegiado em relação às outras ordens, além de adotarem formas de ação e trabalho até então não empreendidas naquelas partes.

#### Referências

- ASSUNÇÃO, Paulo de. (2004). **Negócios Jesuíticos: O cotidiano da administração dos bens divinos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- BOXER, C. R. (1981). **A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)**. Lisboa: Edições 70.
- BOXER, C. R. (2002). **O Império Marítimo Português (1415-1825)**. São Paulo: Companhia das Letras.
- COSTA, Célio Juvenal. (2004). **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba.
- LEITE, Serafim. (1956). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. Vols. I e II. São Paulo: Comissão do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo.
- LODOÑO, Fernando Torres. (2002). Escrevendo Cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº43, pp. 11-32.
- MANSO, Maria de Deus Beites. (2009). **A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622): Atividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais**. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau.
- REGO, António da Silva (org.). (1950a). **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente**. 3º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses.
- REGO, António da Silva (org.). (1950b). **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente**. 4º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses.
- ROSA, Henrique, S. J. (1954). **Os Jesuítas: de sua origem aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes.
- TAVARES, Célia Cristina da Silva. (2004). **Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)**. Lisboa: Roma Editora.

Recebido em 2019-04-15  
Publicado em 2020-02-28